

# EDITORIAL

Esta nova edição da revista *Paisagem e Ambiente – Ensaios* marca um retorno da publicação à sua forma tradicional depois de quatro números especiais: a de número 21, dedicada à obra e à figura de grande pesquisadora e referência conceitual do paisagismo brasileiro, a doutora Miranda Maria Esmeralda Martinelli Magnoli, e as de números 22 a 24, trazendo os trabalhos apresentados no VIII ENEPEA – Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura e Urbanismo no Brasil, realizado de 06 a 10 de setembro de 2006 na FAUUSP.

Esse seminário, reunindo mais de 200 pesquisadores do Brasil, mostrou um processo de consolidação da pesquisa nacional em paisagismo e sua solidez conceitual. Outros eventos têm sido realizados pelo país e, em 2006, no Rio de Janeiro, aconteceu, em novembro, o 1º Congresso Internacional da Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas – ABAP, com organização desta, centrando seu enfoque no projeto paisagístico.

Por outro lado, à medida que o paisagismo cresce nacionalmente, tanto em termos teóricos como projetuais, para uma grande maioria da população prevalece a idéia que fazer paisagismo é fazer jardins ou simplesmente uma composição artística com plantas, idéia esta nascida da origem do projeto de paisagismo brasileiro focado em parques e jardins, iniciada por Glaziou no século XIX, desenvolvida por Roberto Burle Marx durante 60 anos do século XX, e consolidada por gerações de paisagistas brasileiros a partir do trabalho de nomes como Valdemar Cordeiro, Teixeira Mendes, Roberto Coelho Cardoso, Rosa Kliass, Miranda Magnoli, Benedito Abbud, Fernando Chacel e muitos mais, tanto projetistas como estudiosos, que abriram caminhos e institucionalizaram métodos de projeto e bases teóricas.

Foram essas gerações e serão as vindouras, as quais dizem e dirão que o paisagismo extrapola o jardim, tendo como base a paisagem e como foco os espaços livres de edificação e de urbanização (aqui seguindo os princípios de Miranda). Essa é diferença entre o escopo real do paisagismo – o refletir e pensar sobre os espaços livres e o entendimento comum que fazer paisagismo é plantar jardins. Essa idéia equivocada é fortalecida pela disparidade de informações expressas em larga escala pela mídia, revistas, jornais, etc., e ainda pelas poucas informações sobre o assunto centradas em poucas e excelentes publicações e os poucos cursos existentes de aperfeiçoamento e especialização.

Nos cursos de arquitetura e urbanismo, a disciplina Paisagismo, apesar de formalmente oficializada, ainda é relegada, em muitas escolas, a um segundo plano, sendo “fundida” com outras disciplinas, em geral de planejamento e arquitetura, perdendo-se parte de sua identidade. Em outros cursos, a disciplina se centra no projeto de jardins, fortalecendo a idéia do paisagismo como mera jardinagem. Esses fatos, após 12 anos de ENEPEA, da existência de um conjunto significativo de teses e dissertações de pesquisas temáticas, livros específicos e congressos temáticos mostra a persistência de tal ideário, o qual, mais lentamente do que o desejável, tende a diminuir.

A revista *Paisagem e Ambiente – Ensaios* se coloca, como sempre tal como um veículo de divulgação, de informação da teoria, da história e do projeto paisagístico nacional, e reitera suas seções tradicionais: Ensino, História, Projeto e Paisagem Urbana. Neste número, dentro da seção Projeto, o artigo de Paulo Pellegrino e Nathaniel S. Cormier intitulado “Infra-estrutura verde: Uma estratégia paisagística para a água urbana”, focado nos novos projetos de paisagismo público de Portland e Seattle (EUA), a incorporarem variáveis ambientais ao desenho do espaço público, e o texto de Henrique Pessoa Pereira Alves, intitulado “Leitura e construção da paisagem na obra de Franco Zagari”, professor do Politécnico de Milão sobre a obra do paisagista; na seção Paisagem Urbana trazemos os artigos “O largo e a travessa: Dicotomias pontuais e harmonias contextuais na praça XV, Centro – Rio de Janeiro”, de autoria

de Denise de Alcântara, e o texto “A cidade, modos de usar: Um ensaio sobre leitura urbana”, ambos resultados de pesquisas cuidadosas dos autores; na seção Ensino, Luis Guilherme Pippi e Lucienne Rossi Lopes relatam experiências desenvolvidas pelos professores na Universidade de Santa Maria/RS; e, na seção História, trazemos o texto “Tipologías: Una mirada al paisajismo del Cono Sur Americano”, da paisagista e professora Sonia Berjman, mostrando a história do paisagismo nos países de língua hispânica do Conesul; “O território e a paisagem: A formação da rede de cidades no norte do Paraná e a construção da forma urbana”, sobre a construção da paisagem urbana e os espaços livres de Maringá (PR); “ A morfologia dos tecidos urbanos de influência inglesa da cidade de Nova Lima”, apresentando um método de análise morfológica da paisagem urbana dessa cidade mineira, resultado parcial e cuidadoso dos estudos de doutorado de Stael Alvarenga; e “O largo do Machado como representação das modernidades na revolução urbana do Rio de Janeiro”, referência de estudos sobre o largo, um dos mais emblemáticos espaços livres do Rio, de autoria de Eloísa Santos.

Esses artigos, como todos aqui apresentados, são parte do processo de construção do conhecimento paisagístico nacional e resultados da decisão dos professores de Paisagismo do Departamento de Projeto da FAUUSP de criar um espaço, ao debate nacional, para as questões da paisagem.

**Prof. Dr. Silvio Soares Macedo – Editor**